

ENTREVISTA

EDUCAÇÃO BILÍNGUE, IDENTIDADES E LITERATURAS EM LÍNGUAS DE SINAIS – MÚLTIPLOS OLHARES¹



Entrevista com o Prof. Dr. Cláudio Mourão (UFRGS). Concedida a Gabriel Vidinha Corrêa (Pós-Crítica/UNEB), Dilcinéa dos Santos Reis (Pós-Crítica/UNEB) e Crizeide Miranda Freire (Pós-Crítica/UNEB).

Cláudio Henrique Nunes Mourão é poeta e artista. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de Estudos Culturais em Educação; Mestre em Educação (UFRGS); graduado em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC (2010) e em Educação Física, pelo Centro Universitário Metodista IPA (2007). Atualmente é pesquisador do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES); Professor Adjunto no Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas, no Curso de Letras, Tradutor e Intérprete de Libras-Português/Português-Libras (UFRGS); e coordenador do projeto Arte de Sinalizar (UFRGS). Desenvolve pesquisas no campo de Literatura Surda. Participou de vários projetos como: A Educação de Surdos no Rio Grande do Sul — Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos; Literatura Surda; Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira. Professor Mediador (Tutor) no curso de Graduação de Pedagogia Bilíngue (Libras/Língua Portuguesa), na modalidade EaD, pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no pólo UFRGS (2018). Foi Diretor de Edu-

¹ Entrevista realizada em Libras, via *Google Meet* em 15 de julho de 2021. Tradução Libras/Língua Portuguesa por Gabriel Vidinha Corrêa e Dilcinéa dos Santos Reis, com revisão de Crizeide Miranda Freire.

cação e Cultura na Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul — SSRS (2018-2019). Foi profissional de dança/bailarino e teatro, atuou como dançarino, coreógrafo e ator (1997-2005) em vários grupos e espetáculos no Brasil e exterior, tais como: Cia de Dança Carlinhos de Jesus (RJ); Grupo de Lado a Lado — INES (RJ,) sendo premiado em algumas dessas coreografias.

1 Tomando como base sua experiência na área da literatura, você considera que a literatura surda no Brasil teve um grande avanço?

Cláudio Mourão: (rindo inicialmente responde). Então... é uma conversa muito longa, primeiramente a Literatura Surda surge com um grupo de professores, tendo como pioneira Lodenir, que nos anos 2000 começa os primeiros passos, juntamente com Carolina Hessel e Fabiano Rosa, publicando os primeiros livros sobre Literatura Surda: *Chapeuzinho vermelho surda*, *Cinderela surda*, *Rapunzel surda*. Um pouco antes também, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) já havia traduzido algumas histórias, no entanto Lodenir e os demais adaptaram as histórias com o contexto da Cultura Surda que é diferente da tradução. Eu adentro um pouco depois... em 2006 com o curso de Letras/Libras, na disciplina de Literatura Surda, tendo Lodenir como professora, eu amei e foi muito boa a disciplina de Literatura Surda no Letras/Libras, que teve nove (9) polos no Brasil em 2006, e professora Lodenir foi responsável pelo ensino em todos. Dois (2) anos depois eu ingressei no mestrado, tendo como orientadora Lodenir e continuando com o enfoque na Literatura Surda, na linha de pesquisa de Estudos Culturais. E hoje como está? Há muitas, muitas pesquisas. No começo, nós pesquisávamos, produzíamos artigos, ensinávamos outros surdos pessoalmente, em congressos, oficinas, no Brasil. Nós da segunda geração, ensinamos para os da terceira geração, os jovens... poesia, contos... e, com as redes

sociais houveram muitos avanços, isso graças aos nossos estudos e ao curso de Letras/Libras, que ajudou muito.

2 Sabemos que as escolhas teóricas, políticas e ideológicas implicam nos termos da área, por exemplo: literatura surda, literatura em língua de sinais, experiências literárias surdas, literatura visual, muitas vezes utilizadas como sinônimos. Como o senhor pensa sobre essa questão e quais implicações nas discussões sobre narrativas surdas?

Cláudio Mourão: As respostas são distintas e nós precisamos tomar cuidado com o conceito, há muitos conceitos é obvio... lá no início, no Letras/Libras em 2006, havia a disciplina Literatura Visual, porque se vinculava o visual à pessoa surda... mas, o correto é Literatura Surda. A Literatura Visual nesse sentido está ligada à uma criação de ouvintes, nessa área, por exemplo, temos os desenhos, os quadrinhos e o teatro. A Literatura Surda, no geral, está dentro do contexto de vários gêneros: poesia, as narrativas... diversos gêneros. O principal é a criação no espaço, que haja tradução, adaptação, experiências, gênero piada. Um exemplo é uma pergunta também, uma provocação: pessoas negras, de onde vieram para o Brasil? Continente africano... e lá, antes de serem trazidos escravizados para o Brasil, quais suas línguas? Quando chegaram aqui? Qual língua precisavam falar? Português E as línguas de sinais de onde vieram? A Libras de onde veio? Quem fala essa língua no Brasil? O surdo! Se não houver surdos, não há Libras. Se não houvesse surdos, vocês não teriam intérpretes de Libras. Sobre a Literatura de forma geral: Literatura Brasileira, Literatura Japonesa, Literatura Africana, ok... Daí temos a Literatura Surda. Literatura Brasileira qual a língua? Portuguesa; Literatura Americana? Qual a língua? Inglesa; então... Literatura Surda, qual a língua? De sinais, mas não é só a língua, mas principalmente, o ser surdo. Agora imaginem se não houvesse surdos... não teria Literatura Surda. A gente precisa sempre tomar cuidado com os

conceitos. A Literatura Surda sempre teve autonomia em função do povo surdo, sempre teve, há muitos anos e vem passando de geração em geração com as piadas, a poesia, narrativas, por isso o terno Literatura Surda, está na história. Agora, e a Literatura em Língua de Sinais? É diferente? Sim. Mas a Literatura em Língua de Sinais está dentro da Literatura Surda. Porque a Literatura Surda é produzida pelo povo surdo por meio da língua de sinais. Portanto, a Literatura em Língua de Sinais faz parte da Literatura Surda, e pode seguir vários caminhos: por usuário surdos, ouvintes e CODAS² por meio da interpretação, tradução, adaptação, mas não houvesse Libras, não haveria Literatura Surda. Nós precisamos continuar com os estudos e talvez possa até mudar os conceitos, como há pesquisadores surdos fazendo mestrado e doutorado... Porque antigamente, Literatura em Língua de Sinais era sinônimo de Literatura Surda. A professora Rachel Sutton Spence, ela é inglesa, mudou-se para o Brasil e é professora da UFSC, ela é minha amiga e antes ela pensava que a Literatura em Língua de Sinais e a Literatura Surda eram iguais, e nós usávamos Literatura Surda, ok... Eu no doutorado fiz entrevistas aos surdos, pesquisando, e encontro significados diferentes: a Literatura Surda era a principal e a Literatura em Língua de Sinais estava dentro. A Literatura Surda é uma casa e o surdo está dentro guiando, se não surdos não há língua em que se possa manifestar a literatura. Ou ainda melhor, se não há Literatura Surda, não há a possibilidade de haver Literatura em Língua de Sinais. Entendem? Agora, é óbvio que os conceitos podem mudar, e assim seguem as pesquisas e devemos respeitar.

3 Pensar em literatura, como diz Barthes em *Aula*, "é trapacear com a língua". É escrever uma língua que não é "de toda gente". Na Literatura Surda temos a Adaptada, a Traduzida e a Literatura Surda Criada, cada uma usada

² Nota da tradução: CODAS — termo utilizado para designar crianças ou adultos filhos de pais surdos falantes de línguas de sinais.

com propósitos distintos. Dessa forma, qual a necessidade de um aprofundamento teórico sobre os termos ou nossos tensionamentos deva focar no que narra a literatura, seu conteúdo, ao invés da terminologia usada?

Cláudio Mourão: Ok, eu conheço o Barthes e em relação às pesquisas em literatura já há publicações de artigos da Rachel, com publicações em inglês e português, há algumas pesquisas de mestrado e doutorado. Lodenir tem publicações sobre literatura surda, há uma vasta produção. No campo da tradução, por exemplo, é necessária uma atuação que envolva as expressões corporais somada da experiência teatral, uma aproximação entre artes na tradução, na contação de histórias, piadas, poesias, já há muitos trabalhos, eu vi na participação de uma banca com o tema “Como traduzir poesia para a Libras”, uma maravilha. Era um trabalho de um pesquisador ouvinte que chamou os surdos para darem suas opiniões, no sentido de ajudar a melhorar a tradução da poesia para a Libras... se o ouvinte traduzisse sozinho a poesia... precisa trabalhar com surdos, aí sim consegue traduzir com fluência a poesia. Exemplo, um poema “Abro o meu peito/ com meu coração pulsando na palma da minha mão”... Então, sozinho não conseguiram traduzir. A língua configura mundos, seja na Libras, seja na língua oral, por isso a necessidade de estudar.

Crizeide Freire: Estaria dentro da subjetividade?

Cláudio Mourão: É como um bailarino, por exemplo, é um profissional, eu já atuei dois anos, eu percebo a música de forma diferente, no início, meio e fim, eu aprendo por meio do tempo. Daí eu pergunto: a música é da cultura surda ou não?... É difícil... há alguns ouvintes que dizem: sim, faz parte da cultura surda, no mesmo sentido há críticas, mas há surdos que dizem que sim também. Minha resposta é não. Eu penso que a música é percebida de forma singular, o ouvinte recebe a música e percebe por meio da palavra, de forma que ativa processos cognitivos, sentidos e representações. E eu

enquanto surdo bailarino, recebo a emoção de forma diferente de quem é ouvinte. Mas o meu corpo tem o direito e o gosto para dançar, mas a percepção da música não é da cultura surda. Agora se eu crio uma poesia em Libras é diferente, é uma criação. Por exemplo, a poesia surda pode fazer chorar porque está carregada de emoções, mas e a música pode fazer chorar na mesma medida? Ou surdos só copiam as expressões feitas por ouvintes? A música para e os surdos continuam dançando... Por isso é interessante termos cuidado com esses conceitos. Rachel sempre acha bom as parcerias entre surdos e ouvintes, para encontrar os melhores caminhos.

4 Professor Cláudio, em um artigo sobre literatura surda publicado pela revista *Espaço* do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o senhor pontua sobre a manifestação literária em Libras em vários gêneros, dando enfoque especial ao Corpo. Qual olhar crítico podemos estabelecer entre performance, corpo, cultura e política na sua relação com a arte literária em Libras?

Cláudio Mourão: A arte é um mundo e dentro dele está a língua, o corpo, as expressões. A língua nesse sentido, se manifesta em muitos gêneros e de muitas maneiras. Às vezes não precisamos do corpo, apenas da face. No meu projeto arte de sinalizar, fizemos um sarau, e vocês que já leram o artigo conhecem sua organização. No sarau, os surdos tinham até cinco minutos para apresentar suas piadas, poesias, narrativas livres, tudo de forma espontânea e na plateia a maioria eram surdos, uma minoria ouvintes e uma parcela mínima de ouvintes que não sabiam Libras. Cada uma apresentou sua poesia, e muitas pessoas choravam emocionadas; primeiro no Brasil. Os ouvintes ficaram admirados, foi bem interessante.

5 Na literatura reside um poder humanizador que nos permite conhecer e experienciar o mundo de diversas formas. Em sua opinião de escritor e poeta, qual o lugar

das vivências surdas no contexto da arte literária de sinalizar?

Cláudio Mourão: Há muitos pontos que envolvem culturas, por exemplo, na *Chapeuzinho Vermelho Surda*, há uma adaptação para as vivências surdas. E a interação com outros surdos permite a presença surda na literatura, por isso a necessidade que ensine surdos nesse sentido. Primeiro vem o ensino, que reflete depois na expressão.

6 São várias as discussões acerca do ser surdo, envolvendo questões identitárias, culturais, aceitação, empoderamento. Tomando a literatura como experiência, poderíamos dizer que a literatura surda fomenta uma hegemonia cultural surda, isto é, uma literatura que revela um único modelo/padrão de ser uma pessoa surda?

Cláudio Mourão: São vários sentidos. Não há apenas um modelo de cultura que deva prevalecer. Há muitos outros, por exemplo: a gente já vê essa diversidade de culturas através de vários grupos culturais existentes, tanto surdo, como ouvintes. Assim, não há uma única ideia sobre o conceito de cultura. Há grupos que vivenciam a cultura e esse universo que é a subjetividade. Há várias referências sobre cultura e isso é livre.

7 A Educação Bilíngue Língua Portuguesa/Libras vem sendo reivindicada cada vez mais pela comunidade surda. Em sua opinião, qual o lugar das literaturas em línguas de sinais e das literaturas surdas na educação de surdos, mais especificamente, na educação básica?

Cláudio Mourão: Primeiro, que a educação não é do primeiro ano do Fundamental I ao Terceiro ano do Ensino Médio, é desde a educação infantil. Neste início da educação já existem professores sinalizando. A educação bilíngue ganha um grande avanço a partir de agora, pois, foi aprovada a PL 4.909/2020, graças a Deus!! Que inclui o ensino bilíngue na LDB, a partir daí a gente prevê um futuro melhor. Mas no

passado era muito complicado, não tínhamos um espaço para surdos, naquela época, as escolas eram escolas especiais e não bilíngues, nesse sentido, já é um outro contexto. E dentro deste contexto, tínhamos poucos profissionais que sabiam Libras e, portanto, não havia espaço para a literatura surda. Essa é a história. Agora, com a aprovação da PL, o campo para a educação de surdos se amplia, a partir de agora, poderão ser incluídas no currículo da educação básica, várias disciplinas direcionadas à educação de surdos, inclusive sobre a literatura surda. Para cada etapa do ensino, terá estudos e disciplinas que serão incluídas no ensino básico, desde a gramática da Libras a literatura surda.

8 Vivemos atualmente momentos difíceis, dores, perdas, incertezas. Nessa conjuntura temos hoje a escola em casa e as atividades acontecendo de forma digital. Em virtude da desigualdade social, da própria turbulência causada por esse momento, muitos alunos estão à margem nesse formato educacional: não conseguem acesso, não dispõem de equipamento [...], aumento o número de excluídos em várias esferas e, neste caso, do ambiente digital. Nesse grupo estão os surdos que encontram dificuldades como: falta de intérprete para acompanhar as aulas e contribuindo no seu aprendizado, a instabilidade da rede levando parte dos envolvidos a manterem suas câmeras fechadas, promovendo a “interação” na fala e chat, sendo esta outra dificuldade, pois muitos surdos não têm o domínio do português escrito, a divisão da janela entre o professor, o intérprete e um material de apoio que esteja sendo apresentado e tantas outras. Que sugestões nos aponta para que o aluno surdo tenha condições de participar desse espaço escolar digital? Como promover a participação desse sujeito nessa nova formatação das aulas?

Cláudio Mourão: Primeiro antes da resposta, vou fazer uma pergunta para vocês ouvintes: Tirando o que corresponde ao COVID-19, na escola, a comunicação é realizada atra-

vés de qual língua? Da Língua Portuguesa, não é? Vocês ouvintes têm contato constante com o Português, seja nas redes sociais, seja na TV, nos rádios etc. E para os surdos? Como se dá essa comunicação? Não se dá. Pois a comunicação, não tem em Libras, principalmente nos interiores das cidades. Aí eu pergunto: isso é inclusão? Um espaço em que tem surdos e ouvintes, porém a predominância da língua só é a Língua Portuguesa? Ou tem um professor ouvinte com o intérprete de Libras? Agora com a Pandemia ficou muito mais difícil, porque as crianças já não aprendem Libras, não tem contato com pessoas que saibam Libras. E de quem é a culpa? Do governo? Porque se falava muito em inclusão e sabemos que de fato, essa inclusão não acontece. A maioria das escolas de surdos são nas capitais e essas conseguem desenvolver um trabalho — as escolas bilíngues têm ouvintes que sabem Libras, mas com o professor surdo é melhor. Sabemos que isso perpassa pela história, mas é melhor ter uma escola que leve em consideração a identidade surda. É uma questão de enfrentamento e não parar de resistir, pois, nós precisamos melhorar e mudar a história.

9 Tomando como base sua experiência no ensino de disciplinas voltadas para a tradução e interpretação em Libras, que referências teóricas-metodológicas você indica enquanto fomento para capacitação dos profissionais tradutores intérpretes?

Cláudio Mourão: São muitas, na UFSC, na URGs, na UFP, tem muitas referências, em Natal... Precisamos interagir com essas ideias, através do bacharelado em Letras-Libras. Temos também referências internacionais, que muitos participam tanto de surdos como de ouvintes.

10 A leitura é uma arma para desbravar o mundo, construir, desconstruir e reconstruir argumentos na caminhada contra o preconceito e a invisibilidade das minorias. Como disseminar a literatura surda entre surdos e ouvintes fora do espaço escolar, levando o sujeito a conscientização

do outro, da importância do respeito às diferenças, a diversidade, contribuindo para a chegada de um aluno na escola trazendo à baila a cultura, a língua, a identidade surda e tantas outras como legítimas na agência educacional?

Cláudio Mourão: Quem estuda, conquista algo. Esse é o sentido de várias coisas, então, nós temos que saber sobre a cultura, sobre a interpretação, sobre as publicações, dentre outros. Agora para a comunidade surda, nós precisamos ensinar sobre a comunidade e cultura surda para que essas crianças venham lutar pela melhoria na educação de surdos.

[Recebido: 30 jul. 2021 — Aceito: 22 ago. 2021]